

CONCLUINDO

LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES

Conseguir aceder em simultâneo a textos dos autores aqui insertos obriga-nos a visitar vários espaços, realizar diferentes percursos, correndo sempre o risco de uma falta de homogeneidade nos objetivos pretendidos. Dando liberdade para sintetizarem algumas ideias sobre Educação Histórica, Arthur Chapman, Marcelo Fronza, Maria Auxiliadora Schmidt, Lucas Pydd Nechi, Isabel Barca e Jörn Rüsen trouxeram-nos as suas preocupações, visões e investigações que evidenciam a matriz epistemológica da História, da Filosofia e da Didática, mas simultaneamente as implicações que esses espaços científicos devem ocupar no contexto das nossas práticas.

Se Rüsen nos transporta, sobretudo, para a Filosofia da História na Didática da História, obrigando-nos a pensar em torno das três questões básicas que coloca: 1. O que é a História? A História existe como algo real, um objeto da experiência, ou é somente uma construção? A História é a mesma no contexto de diversidade das culturas?; 2. Qual é o processo e o âmbito da aprendizagem histórica?; 3. Porque é que a História deveria estar presente no currículo, no processo de ensino e aprendizagem? — Isabel Barca destaca «a necessidade de uma concretização da inter-relação da teoria e prática na aprendizagem da História», dando «ênfase à preocupação de ensinar a pensar historicamente».

Aqui, neste *output* da nossa Didática (tudo fazemos para colocar os nossos alunos a «pensar historicamente»), sustentada na Filosofia da História apontada por Rüsen, podem inscrever-se múltiplas preocupações, como as colocadas por Maria Auxiliadora Schmidt no quadro curricular brasileiro, mas, sobretudo, devemos atender ao que em última análise temos de estar atentos no nosso processo de ensino e aprendizagem: seja «o conceito de Mudança, inserido no contexto da aprendizagem histórica e sua relação com a ideia de Novo Humanismo» que nos traz Lucas Nechi, seja a compreensão da forma como se concretiza a «aprendizagem histórica dos jovens estudantes brasileiros e portugueses a partir das narrativas históricas visuais» (título do projeto que Marcelo Fronza tem desenvolvido e que nos traz aqui já algumas notas conclusivas), seja em última análise a «importância do argumento histórico e da compreensão da inferência para o desenvolvimento do pensamento histórico» desenvolvido por Arthur Chapman no seu excelente contributo.

Todos, com as suas perspetivas e sustentadas visões, nos incomodam, nos provocam, nos obrigam a refletir sobre o que temos andado a fazer nos nossos espaços académicos ou investigativos, apontando claramente trilhos a caminho de uma Epistemologia e Educação Histórica que só pode ser construída em Diálogo(s).

Não poderíamos, pois, ter um título mais apropriado para a missão que aceitamos e assumimos com o contributo deste livro — *Diálogo(s), Epistemologia(s) e Educação Histórica: um primeiro olhar*.

Porto, julho de 2021

